

O SURFE AMADOR NO LITORAL SUL DE SÃO PAULO: ESTILO DE VIDA E TRABALHO COMO FATORES DE ADERÊNCIA À PRÁTICA

AMATEUR SURFING ON THE SOUTH COAST OF SÃO PAULO: LIFESTYLE AND WORK AS FACTORS OF ADHERENCE TO PRACTICE

Luiz Carlos Marinovic Doro¹, Vinícius Demarchi SilvaTerra² e Império Lombardi Júnior³

¹Universidade Federal de São Paulo, Santos-SP, Brasil.

RESUMO

No presente estudo, tratamos das relações entre estilo de vida e aderência à atividade física e discutimos as condições que possibilitam a longa permanência de amadores numa prática complexa como o surfe. Para tanto, entrevistamos onze surfistas com mais de dez anos de prática ininterrupta no litoral sul de São Paulo. Por meio de uma análise de conteúdo, foi possível constatar que a sua permanência é menos influenciada por questões de gênero, idade e estado civil (geralmente priorizada na literatura sobre o tema) do que condições empregatícias. Discute-se que adesão ao surfe é vinculada ao estilo de vida e aos ideais de juventude, ao passo que as condições de continuidade da prática dos amadores envolvem a família e os vínculos de emprego, cuja estabilidade dá segurança à rotina e modula os jogos entre os tempos sociais e da natureza. Assim, os surfistas maduros narram um modo de viver que valoriza atitudes prudentes como uma forma de ressignificação do surfe em suas vidas, apontando para uma transformação da cultura do surfe. Considera-se que as relações entre permanência na prática e estabilidade do emprego merecem ser investigadas em estudos futuros.

Palavras-chave: Surfe. Esportes aquáticos. Estilo de vida. Aderência.

ABSTRACT

In the present study, we dealt with the relationship between lifestyle and adherence to the physical activity and discussed the conditions that make it possible for amateur to remain in a complex practice as surfing. For these purpose, we interviewed eleven surfers with over eleven years of uninterrupted practice on the South Coast of São Paulo. Through an analysis of the interviews content, it was possible to verify that their permanence is less influenced by gender issues, age and marital status (usually prioritized in the literature about this subject) than employment conditions. It is argued that adherence to surfing is linked to lifestyle and youth ideals, while the conditions for the continuity of the amateurs practice involves the family and employment ties, whose stability gives security to the routine and modulates the possibilities between social times and nature times. Thus, mature surfers narrate a way of life that values prudent attitudes as a way of redefining surfing in their lives, pointing out to a transformation of surf culture. It is considered that the relationship between permanence in practice and job stability deserves to be investigated in future studies.

Keywords: Surf. Water Sports. Life style. Adherence.

Introdução

O Brasil tem se consolidado com uma das referências mundiais do surf, apesar de serem escassos os estudos acadêmicos com abordagem social¹. Atualmente, entre seus praticantes, podemos encontrar médicos, professores universitários e executivos que já não se enquadram no perfil outsider dos anos 1970, ou seja, jovens de classe média com comportamento e estilo de vida marcados pela espontaneidade e a despreocupação, identificados com a cultura norte-americana, o vestuário e o entretenimento, em especial o cinema^{2,3}, tampouco com o regime competitivo do esporte que modernizou a prática⁴.

Está cada vez mais evidente em nosso país que a cultura do surfe influencia a constituição de diversos grupos sociais, especialmente pela agregação de um estilo de vida voltado à liberdade, à saúde, à superação de desafios e o contato com a natureza. O contato com o ambiente natural representa para os surfistas uma possibilidade de interagir e de ficar em equilíbrio com a natureza. Surfar perante essas condições é de suma importância para recuperar as situações de estresse e reestruturar o equilíbrio mental⁵.

Uma série de pesquisas vem demonstrando que os fatores determinantes para a manutenção, continuidade, aderência e permanência em programas de atividade física estão são fortemente motivados pela melhoria da saúde e pelo favorecimento dos aspectos sociais, tais como: a influência do grupo de praticantes; as melhorias físicas, de bem estar e prazer; desenvolvimento pessoal, a socialização, a troca de informações, e as percepções de saúde, prazer, socialização e a tranquilidade^{6,7}. Entretanto, são raros os estudos de permanência que tratam do público de adultos amadores que realizam práticas corporais de maneira autônoma com regularidade por longos períodos de tempo. No caso de práticas ou esportes específicos, ainda é mais difícil. Em uma revisão sobre adesão e aderência, Telles et al⁸ identificaram que diferentes modalidades têm fatores de permanência igualmente diferenciados. Se para a atividades como a musculação, o fator saúde e estética foram predominantes, para a dança, os aspectos do prazer e incentivo da família são mais preponderantes; já no caso da corrida de rua, o bem estar psicofísico e a praticidade da modalidade é fator determinante da que mantém os sujeitos ativos.

Diferente de artes como a dança, esportes como a corrida de rua ou exercícios como a musculação, o surfe é uma prática aberta e complexa, ou seja, exige uma série de condições sociais, físicas, materiais, geográficas e ambientais para ser realizada: ondas harmônicas e simétricas são condicionadas pelo clima, ventos, ondulações, horário do dia, lua etc. Na impermanência da natureza, os ventos, as correntes e lunações desobedecem a qualquer predestinação, já que o oceano multiplica variáveis⁹. Ainda que não tenhamos encontrado pesquisas específicas sobre a permanência de praticantes de surfe no Brasil, há bons indicativos que o estilo de vida é objeto central para manutenção do comportamento surfista em longo prazo. No Havaí, a dança descontraída do “hula”, relacionada aos colares de flores e a vida à beira mar conduziu o arquipélago ao status de “paraíso”, onde o surfe fazia parte deste contexto. Segundo Dias¹⁰ “a força desse imaginário e de suas vinculações com o esporte fez com que sua prática fosse reprimida sob alegação de que disvirtuaria a formação moral dos jovens”. A cultura californiana vinculou a imagem do surfe à ideia de lugares paradisíacos, através da produção de filmes de surfe, fotografias e anúncios publicitários, esses fatos foram divisores de águas na história da modalidade, que ficaram marcados no universo do surfe. O hábito de surfar, em larga medida foi proporcionado pela maior quantidade de filmes, de produtos e da evolução das pranchas de surfe o que atraíram um grande número de pessoas às praias. Foi a partir desses universos de possibilidades que o surfe se consolidou como algo que vai muito além do esporte^{10,11}.

Em termos de comportamento, o ato de surfar aparece vinculado à vida ativa, bem alinhado com o padrão de positividade do mercado da promoção da saúde e dos discursos hegemônicos da ciência. Mas será que a produção deste estilo de vida seria fruto da livre escolha e um atributo da força de vontade do surfista? O desenvolvimento de um estilo de vida não se reduz a uma escolha individual, mas é um conjunto de condições de possibilidade altamente influenciado pelas questões socioeconômicas, ditames da globalização e consumo de massa. Na perspectiva de superar análises reducionistas sobre o estilo de vida, a observação dos comportamentos precisa se complexificar, ir além de um determinismo socioeconômico ou identitário. De acordo com Madeira et. al^{12:112} “é relevante considerar também as condições em que os sujeitos (re)produzem e as modulações subjetivas atinentes ao corpo”. A esta tendência normatizante, somam-se os inúmeros estudos sobre o comportamento e estilo de vida ativo que retratam os sujeitos segundo uma tipologia ideal ou abstrata baseada numa moral positiva da saúde, sem aprofundar seu comportamento, origens e motivações multifacetadas, correndo o risco de reducionismo¹³.

Ao refletir sobre estas forças sociais incidem sobre a subjetividade das pessoas, as autoras trazem o conceito de *habitus*¹⁴ para iluminar as discussões sobre estilo de vida, convidando as pesquisas acadêmicas a analisarem dois aspectos que fundamentam o estilo de

vida: “quais rotinas pessoais apresentam as características específicas de um grupo ou classe social”, sobre os modos de vida singulares que (re)produzem o cotidiano; e “como estão sendo formadas as percepções sobre o estilo de vida”, sobre modos subjetivos de elaboração da saúde¹².

A pretensão deste artigo é se debruçar sobre o primeiro destes dois aspectos que fundamentam o estilo de vida, ou seja, as rotinas pessoais e os modos de vida singulares que (re)produzem o cotidiano de surfistas amadores. Mais especificamente, o foco aqui serão os modos de produção das rotinas de práticas dos surfistas.

Diante destes vários fatores, algumas perguntas são colocadas: como é possível que surfistas consigam surfar em sua rotina? Ou, mais especificamente: como surfistas amadores experientes negociam o tempo do surf com outros tempos sociais? Portanto, o objetivo do presente estudo é investigar as condições de possibilidade de surfar para amadores experientes (mais de dez de prática ininterrupta) moradores do Litoral Sul de São Paulo.

Acredita-se que esta pesquisa pode trazer contribuições para as discussões sobre as dimensões socioculturais do surfe, os aspectos comportamentais do surfista e estilo de vida. E, indiretamente, pode contribuir com as problemáticas de adesão e permanência nas práticas corporais presentes nas áreas de saúde, educação e lazer.

Métodos

Participantes

O estudo adotou um delineamento de pesquisa qualitativa e foi realizado com 11 surfistas voluntários sendo 7 (sete) do sexo masculino e 4 (quatro) do sexo feminino, com idade entre 39 e 57 anos, moradores do Litoral Sul de São Paulo. Foram utilizados como critérios de inclusão surfistas com dez ou mais anos de prática e com disponibilidade de participar da pesquisa e como critérios de exclusão ser atleta profissional de surfe. Os participantes foram informados dos procedimentos, objetivos e benefícios da pesquisa e assinaram um termo de consentimento para utilização e divulgação dos dados que serão apresentados. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de São Paulo sob o parecer número 1021/2017.

Instrumentos

Para a realização da coleta de dados foi usada a entrevista semiestruturada e questionário contendo perguntas abertas e fechadas. Essas perguntas trataram do comportamento, estilo de vida dos surfistas e sobre a influência do surfe na relação do surfista com a sua família e seus compromissos sociais.

Procedimentos

As respostas emitidas por eles foram captadas por meio de gravador digital com tempo médio de 40 minutos para cada entrevista. Após a gravação todas elas foram transcritas literalmente e categorizadas de acordo com a técnica de Análise de Conteúdo¹⁵. Visando preservar o anonimato dos participantes, adotaram-se letras e números (E1, E2, E3, E4...), identificando no texto, os dados de cada sujeito.

Resultados

O conjunto dos surfistas entrevistados mostrou-se heterogêneo. Originário de quatro cidades do litoral Sul – Praia Grande, Mongaguá Itanhaém e Peruíbe - abrangeu homens e mulheres, casados e solteiros, com diferentes profissões, idade entre 39 e 57 anos, escolaridade média ou superior. Apesar dos empregos serem diversos, as mulheres apresentaram o mesmo

tipo de profissão: professora. Todos os surfistas entrevistados pela pesquisa exercem atividades profissionais trabalhando em setores públicos ou privados.

Seguindo o método da análise do conteúdo, as entrevistas foram agrupadas em 3 (três) categorias conforme padrões de freqüenciamento, homogeneidade e coerência interna no que diz respeito ao tema da investigação - usos sociais e individuais do tempo social entre surfistas.

Na primeira delas, agrupamos falas que demonstram uma temperança e moderação na relação com o surf, cuja prática aparece subordinada àquelas obrigações do trabalho e da família, em comentários que exaltam a importância de uma organização da vida pessoal e gestão profissional, assim como relatos acerca do processo de amadurecimento da vida em relação ao surfe, levando a comportamentos controlados, racionais e equilibrados. Esta categoria foi denominada "tempo prudente" e tratou de aspectos associados às responsabilidades profissionais, familiares, sociais e os modos de organização da rotina dos surfistas.

Alguns entrevistados indicaram que, utilizam alguns métodos para praticarem o surfe e compreendem a importância do contato com o mar e a natureza, entretanto priorizam os compromissos com o trabalho, em especial no comprimento dos horários e também em relação às faltas e atrasos durante os dias da semana, indicado pelos entrevistados (E2, E4, E5, E9). Uma das estratégias que utilizam para surfar com harmonia aos demais afazeres é encontrarem momentos oportunos que não conhecida com o turno de trabalho para isso devem acordar [...] cedo durante a semana e entrarem no mar antes de ir ao trabalho ou surfar em horários alternativos [...] (E7).

Com a amadurecimento e as responsabilidades decorrentes das atribuições profissionais, sociais e familiares admitem que atualmente a prática do surfe não é mais prioridade absoluta em suas vidas, como já foi em alguns momentos do passado. Destaca-se estas constatações nos relatos dos entrevistados (E3, E6, E8, E10). Suas falas afastam o caráter hedonista associado ao soul surf, rumo a uma austeridade mais ascética, associada a um acúmulo de responsabilidades vindo com a maturidade: “primeiro de tudo são os compromissos e depois o surfe, talvez seja porque estamos amadurecidos, agora é outra fase, temos muitas responsabilidades...” (E10)

Os surfistas amadores entrevistados, por imposição de suas responsabilidades profissionais, familiares e sociais, não conseguem surfar todos os dias que planejam, já que necessitam contar com a sorte de ter em seu favor as ondas, além de organizarem todas as suas obrigações diárias. Um entrevistado contextualizou as afirmações acima em sua fala: “dividir o tempo do surfe com a família não foi uma tarefa fácil, porque tinha dias que o mar está muito bom e não tinha jeito ia surfar, mas hoje em dia as coisas estão diferentes, consigo me organizar melhor...” (E7).

As disputas entre o tempo para surfar e o tempo junto à família parecem ser minimizados com a mudança na hierarquia das prioridades: “no início o surfe era um “deus” na minha vida e estava sempre em primeiro lugar, ficava horas na água e gerava conflitos como minha família. Notei então que meu tempo junto com minha família diminuiu consideravelmente, mas hoje estou mais maduro, acredito que o surfe está no lugar correto em minha vida ...” (E8).

Numa segunda categoria, reunimos relatos que enfatizam a experiência do surfar em suas dimensões fenomenológicas. Os depoimentos enfatizam sensações e emoções, com destaque para os aspectos subjetivos, o que denominamos "Tempo Intensivo". A categoria Tempo Intensivo agrega percepções da prática do surfe como uma forma de intensificação da vida. As citações levantadas tratam da fruição do surfe e seus efeitos revitalizantes, sendo que uma delas aborda as diferentes estratégias para poder aproveitar os benefícios do surfe até o último instante, gerando negociações no tempo social do trabalho e da família: “As vezes fico até o último minuto na água, vou trabalhar salgado não dá tempo nem de jogar uma água de chuveiro no corpo...” (E5)

Ao invés de tratarem o tempo em sua quantidade, os comentários tratam da qualidade da experiência vivida e enaltecem os efeitos positivos do surfe em todos os âmbitos da

existência, como um contágio físico e psíquico. Analisando os depoimentos dos entrevistados (E3, E4, E11) comprovamos que com a prática do surfe a rotina dos participantes se transforma, ficam mais dispostos e fortalecidos para enfrentarem as situações que aparecerem em seu cotidiano: “tudo muda é um momento único você alivia o estresse e a rotina entediante do trabalho ...” (E4).

Na opinião destes surfistas, muitas artimanhas são usadas para aproveitar ao máximo o tempo de surfe e as estratégias são declaradas como justas e recompensadoras, pois impactam positivamente os demais papéis sociais que desempenham: “não tenho palavras para explicar isso, só quem surfa pode expressar a sensação maravilhosa de poder estar no mar e ao mesmo tempo esquecer-se de todos os problemas...” (E5)

Na terceira categoria, encontramos no depoimento de um entrevistado que há uma exaltação à transitoriedade do mar, cuja impermanência seria insubordinada aos demais tempos sociais, daí o nome “Tempo Oportuno”. Aqui, o surfista argumenta sobre a incompatibilidade entre os tempos sociais e o tempo da natureza, o que gera conflitos. Ressalta o caráter imprevisível do mar e das ondas, bem como a necessidade de esperar pela oportunidade surfar a onda perfeita, levando-o muitas vezes a ter que escolher entre o surfe e o cumprimento com as suas obrigações sociais e, notadamente, familiares: “A natureza não faz uma onda perfeita na hora que você quer então o mar não é uma máquina, você precisa sempre observar o mar e entrar no momento que vai te satisfazer melhor e tirar maior proveito do surfe. Sendo assim, de certa maneira você fique à disposição das ondas...” (E1). Segue abaixo uma seleção das frases mais relevantes:

Tabela 1. Síntese dos relatos dos surfistas em cada uma das três categorias

Categorias	Descrição do relato
Tempo Prudente	[...] deve saber a hora de entrar e sair do mar respeitando seu horário de trabalho [...]. (E2) [...] acordar cedo durante a semana e entrare no mar antes de ir ao trabalho ou surfar em horários alternativos [...]. (E7) [...] nunca cheguei atrasado ao serviço [...]. (E5) [...] não é possível surfar mais do que trabalhar [...]. (E3) [...] a gente não vive do surfe, temos trabalho, família e vida social [...].(E4) [...] nunca dei prioridade ao surfe [...]. (E9) [...] quando eu era mais novo não estava nem aí, era só surfar quando você vai amadurecendo as responsabilidades vão aumentando, a prioridade é a família e o emprego já o surfe acaba ficando de lado [...]. (E6) [...] tinha dias que o mar está muito bom e não tinha jeito ia surfar [...] hoje em dia as coisas estão diferentes, consigo me organizar melhor [...]. (E7)
Tempo Intensivo	[...] quando você fica no mar uma hora, duas ou até mesmo pouco tempo, seu dia realmente fica mais especial [...]. (E4) [...] se desliga do mundo [...]. (E3) [...] não tenho palavras para explicar isso, só quem surfa pode expressar a sensação maravilhosa de poder estar no mar e ao mesmo tempo esquecer-se de todos os problemas[...]. (E5) [...] sempre procuro viajar para lugares onde eu possa dormir mesmo que seja em um quartinho simples, porque para mim não importa mais ter luxo, o que importa de verdade é viver bem e isso se completa em surfar sempre que você puder [...]. (E11)
Tempo Oportuno	[...] a natureza não faz uma onda perfeita na hora que você quer então o mar não é uma máquina, você precisa sempre observar o mar e entrar no momento que vai te satisfazer melhor e tirar maior proveito do surfe. Sendo assim, de certa maneira você fica à disposição das ondas [...]. (E1)

Fonte: Os autores

Os perfis de cada surfista são resumidos na tabela abaixo:

Tabela 2. Caracterização dos surfistas entrevistados

Nome	Gênero	Idade	Cidade	Escolaridade	Estado Civil	Tempo de Prática
E1	masc.	44	Praia Grande	superior, completo	casado	20 anos

E2	masc.	43	Praia Grande	superior, completo	solteiro	22 anos
E3	masc.	43	Praia Grande	ensino médio	casado	19 anos
E4	masc.	39	Praia Grande	superior, completo	solteiro	25 anos
E5	masc.	41	Praia Grande	superior, completo	casado	17 anos
E6	masc.	57	Itanhaém	ensino médio	viúvo	33 anos
E7	fem.	41	Monguaguá	superior, completo	solteira	11 anos
E8	masc.	48	Praia Grande	superior, completo	casado	30 anos
E9	fem.	40	Peruíbe	superior, completo	casada	20 anos
E10	fem.	47	Peruíbe	superior, completo	casada	21 anos
E11	fem.	46	Itanhaém	superior, completo	casada	18 anos

Fonte: Os autores

Tabela 3. Características dos empregos

Nome	Vínculo	Profissão	Tempo de emprego no mesmo local
E1	Funcionário Público	Engenheiro	12 anos
E2	Iniciativa privada	Vendedor	8 anos
E3	Iniciativa privada	Funileiro	25 anos
E4	Iniciativa privada	Zelador	10 anos
E5	Iniciativa Privada	Vendedor	16 anos
E6	Funcionário Público	Motorista	20 anos
E7	Iniciativa privada	Professora	7 anos
E8	Iniciativa Privada	Contador	11 anos
E9	Funcinária Pública	Professora	6 anos
E10	Iniciativa Privada	Professora	12 anos
E11	Funcionária Pública	Professora	18 anos

Fonte: Os autores

Discussão

Uma breve incursão pelas transformações históricas do surfe nos últimos sessenta anos mostra-nos que esta prática acumula múltiplas camadas de tempo e sua cultura se diversifica à medida que sua prática se amplia. Quanto à diferença entre os praticantes, os dados corroboram com diversos estudos^{1,16,17} na literatura que relevam que a experiência de surfar nos remete a diversos sentimentos, que vão desde o prazer, a superação de desafios e a interação social até os medos e preconceitos, vivenciados pelos surfistas ao longo da história. Neste sentido, Kruger e Saayman¹⁸ realizaram estudos sobre o multifacetado estilo de vida do surfista na África do Sul e apontaram que características sociodemográficas, aspectos comportamentais e motivações são os principais fatores de modulação do estilo de vida, criticando a tendência das pesquisas sobre comportamento limitarem a sua compreensão dos surfistas. Assim, os autores sul-africanos propuseram quatro segmentos com características comuns: surfistas iniciantes, surfistas de fins de semana, amadores e profissionais. Os resultados obtidos pela nossa pesquisa reforçam esta segmentação sugerida por Kruger e Saayman¹⁸, pois observamos peculiaridades no comportamento de amadores experientes que se diferem de pesquisas que tratam a tribo do surfe de forma homogênea. Neste sentido, os modos como os surfistas narram a transformação de seus valores com a maturidade, a maneira de lidar com suas relações familiares e, sobretudo, as suas condições de trabalho serão discutidos como fatores que possibilitam a manutenção de uma rotina de prática do surfe ao longo de décadas.

As estratégias de acomodação do surfe na rotina destes surfistas envolvem a delimitação de horários específicos, antes ou depois das jornadas de trabalho, além da organização de viagens para surfar nas férias ou feriados. Se analisarmos os marcadores sociais que mais influenciam este comportamento prudente, os aspectos de gênero e escolaridade são menos significativos do que o estado civil e a idade. Surfistas solteiros e com idade entre 41-43 anos

adotaram narrativas mais semelhantes quanto aos modos de inserir o surfe em sua rotina do que surfistas casados e mais velhos, o que parece estar associado ao aumento da complexidade da rotina em família. O papel da família foi menos significativo para este comportamento prudente do que relação com o trabalho. Apesar do modo como percebem o tempo não se relacionar diretamente com o tipo de profissão, o tipo de vínculo empregatício parece favorecer a garantia de permanência nas práticas. Ao contrário do que esperávamos, conforme tendências descritas na literatura, não encontramos entre os surfistas entrevistados uma condição de trabalho precário¹⁹. Os dados revelaram que a garantia de certos direitos trabalhistas, bem como estabilidade de emprego - relatada por todos os entrevistados - favorece a manutenção da prática do surfe. Não é de se estranhar que uma prática cultural que envolve múltiplas variáveis, um longo prazo de dedicação e remete a dimensões reflexivas como o surfe, não seja representantes em condição precária. Conforme Standing^{20:194} “a conectividade preenche cada espaço do tempo” do precariado e produz um modo de existência reativa, perversamente flexível e baseada em decisões de curto prazo, pouco compatível com o surfe”.

O funileiro, que entrevistamos trabalha na mesma fábrica há vinte e cinco anos e surfa há dezenove, nos mostra que relações entre permanência na prática e estabilidade do emprego merecem ser investigadas. Se levarmos em contato ao tipo de vínculo empregatício, encontramos alguns aspectos comuns entre os surfistas desta pesquisa: em sua maioria adultos de meia idade, todos possuem emprego público ou carteira assinada, o que indica que a permanência na modalidade exige certas condições socioeconômicas e um nível de segurança no emprego.

Apesar da estabilidade no emprego ser uma característica universal entre os entrevistados, o modo como os surfistas transitam entre trabalho, casa, mar e família muda. Genin²¹, ao observar o fenômeno de interferência e sobreposição dos tempos profissionais e pessoais, desenvolveu o conceito de Porosidade de Tempos. Segundo a autora, que compreende o tempo a partir de uma perspectiva multidimensional, há diferentes fatores que poderiam modular esta permeabilidade do tempo em executivos, tais como a organização (empresa) onde trabalha, a duração do trabalho, as funções exercidas e o nível hierárquico. Os surfistas aqui pesquisados apresentaram empregos clássicos, relacionados a ofícios e trabalhos exercidos presencialmente. Tal aspecto pode garantir certas proteções em relação ao assédio de produtividade gerado pelo mundo do trabalho. O perfil de empregos dos homens surfistas mostrava vínculo a trabalhos presenciais, com baixa disponibilidade para realizar trabalho remoto ou ser acionado fora do horário de trabalho, o que mostra a baixa porosidade do tempo nos ofícios tradicionais e trabalhos físicos (funileiro, zelador, motorista, contador), dado este que também alinhado com os achados de Genin²¹.

Conclusões

Estudos^{5,22,23} indicam que o fator preponderante para adesão à prática do surfe é o estilo de vida do surfista, que se caracteriza pelos ideais de comunhão com a natureza, pelo impulsionamento de estar com os amigos, pela socialização⁵, pela valorização da saúde e por um linguajar específico ou, de maneira mais ampla, pelo comportamento de risco mediado pelas tecnologias deslizantes, aspectos estes também associados aos valores, motivações e oportunidades de viver o espírito da juventude. O surfe é um objeto social complexo que pode ser socialmente apropriado de inúmeros e diferentes modos⁴. Neste estudo, investigamos que estes valores e ideais comuns transformam-se ao longo dos anos de prática dos surfistas pesquisados. Segundo os amadores, a experiência e a maturidade e o acúmulo de responsabilidades da vida familiar e profissional trazem atitudes ponderadas e retidão moral nos comportamentos sociais. Tais reflexões podem também estar associadas aos processos de ressignificação do surfe pela classe pela cultura de consumo, haja vista a associação do estilo

de vida do surfista a comportamentos inadequados²⁴. Como analisa Segabinazzi²² o estilo de vida do surfe foi capturado pela moda para transformá-lo numa sub-cultura de consumo.

No entanto, nossos achados demonstram que os surfistas entrevistados vivenciam o surfe menos como esporte do que como uma prática corporal complexa, apesar do assédio da espetacularização sofrido por diversas práticas contemporâneas^{25,26}. Se o estilo de vida ativo do surfista radica na “estetização da vida” inventada pela geração *baby boomer*²⁷ e o mercado se apropria dele para vender a ideia da juventude como um valor almejado²⁸, os surfistas amadores entrevistados parecem menos interessados em consumirem uma eterna juventude do que produzirem certas operações sobre si para sustentarem uma forma de existência que harmonize a prática do surfe com todos os outros compromissos sociais, profissionais e familiares comuns da vida contemporânea.

Referências

- Knijnik JD, Cruz LO. Amazonas dos sete mares: a imagem corporal de surfistas brasileiras. Rev NUFEN 2010 [acesso em 19 Jan 2019]; 2(2):55-74. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912010000200005
- Dias C, Fortes R, Melo V. Sobre as ondas: surfe, juventude e cultura no Rio de Janeiro dos anos 1960. Estud hist 2012;25(49):112-28. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21862012000100008>
- Velho G. Nobres e anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas; 1998.
- Nepomuceno LB, Nogueira JAD, Honorato GWN, Bosi MLM, Silva FMC. A esportivização do surfe: reflexões a luz de Pierre Bourdieu. Motrivivência 2020;32(62):01-17. Doi: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e63230>
- Amaral A, Dias C. Da praia para o mar: motivos à adesão e à prática do surfe. Licere 2008;11(3):1-22. Doi: <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2008.891>
- Zanai C, editor. Atividade física na promoção de saúde e qualidade de vida: pesquisas e relatos de experiências. São Paulo: Paço Editorial; 2016.
- Nanomura M. Motivos da adesão a atividade física em função das variáveis idade, sexo, grau de instrução e tempo de permanência. Rev bras ativ fís saúde 1998;3(3):48-58. Doi: <https://doi.org/10.12820/rbafs.v.3n3p45-58>
- Telles T, Araruna LC, Almeida MS, Melo AK. Adesão e aderência ao exercício: um estudo bibliográfico. Rev Bras Psicol Esporte 2016;6(1):1-12. Doi: <http://dx.doi.org/10.31501/rbpe.v6i1.6725>
- Casey S. A onda: em busca dos gigantes do oceano. Rio de Janeiro: Zahar; 2010.
- Dias, C. Urbanidades da natureza: o montanhismo, o surfe e as novas configurações do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora Apicuri; 2008.
- Melo V, Fortes R. O surfe no cinema e a sociedade brasileira: transição dos anos 70/80. Rev Bras Educ Fís Esporte 2009;23(3):283-96. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092009000300009>
- Madeira FB, Filgueira DA, Bosi MLM, Nogueira JAD. Estilos de vida, habitus e promoção da saúde: algumas aproximações. Saúde soc 2018;27(1):106-115. Doi: <https://doi.org/10.1590/s0104-12902018170520>
- Améstica MC, Clavería AV, Etchepare GC, Montoya LC. El skate urbano juvenil una práctica social y corporal em tempo de la resignificación de la identidad juvenil chilena. Rev Bras Ciên Esporte, 2006 [acesso em 18 de janeiro de 2019];28(1):39-53.
- Bourdieu P. A distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; 2007.
- Bardin L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70; 1979.
- Booth D. Australian beach cultures: the history of sun, sand and surf. London: Frank Cass; 2001.
- Cristofolli N, Moraes MA, Telles TC. A experiência vivida de surfar: um estudo fenomenológico. Psicol Rev 2019;2(1):633-59. Doi: <http://dx.doi.org/10.23925/2594-3871.2018v2i3p633-659>
<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/37>
- Kruger M, Saayman M. Sand, sea and surf: segmenting south African surfers. S Afr J Res Sport Ph 2017;39(2):115-35.
- Hirata H. Tendências recentes da precarização social e do trabalho: Brasil, França, Japão. Cad CRH 2011;24(1):15-22. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-49792011000400002>
- Standing G. O precariado: a nova classe perigosa. Belo Horizonte: Autêntica; 2014.
- Genin E. La porosité des temps chez les cadres. Proposition d'un modèle d'interactions entre temps personnel et temps professionnel. [Doutorado em Ciências da Gestão]. Paris: École de Hautes Études

- Commerciales; 2007 [acesso 19 Jan 2019]. Disponível em : <https://pastel.archives-ouvertes.fr/pastel-00004610/document>
22. Segabinazzi RC O estilo de vida da tribo do surf e a cultura de consumo que a envolve. [Mestrado em Administração]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Escola de Administração; 2011
23. Romariz JK, Guimarães CA, Marinho A. Qualidade de vida relacionada à prática de atividade física de surfistas. *Revista Motriz* 2011;17 (3): 477-485.
24. Irwin J. Surfing, the natural history in a urban scene. *Urban life and culture* 1973;2(2):131-60. Doi: <https://doi.org/10.1177%2F089124167300200201>
25. Soares CL, Brandão L. Voga esportiva e artimanhas do corpo. *Movimento* 2012;18 (1):11-26. Doi: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.26466>
26. Brandão L. Esporte em ação notas para uma pesquisa acadêmica. *Rev Bras Ciênc Esporte* 2010;32(1):59-73. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0101-32892010000400005>
27. Featherstone M. O curso da vida: corpo, cultura e imagens do processo de envelhecimento. In: Debert GG, organizador. *Antropologia e velhice*. Campinas: Unicamp; 1994. p. 7-27.
28. Debert GG. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. *Horiz antropol.* 2010;16(34):49-70. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832010000200003>

Orcid dos autores:

Luiz Carlos Marinovic Doro: <https://orcid.org/0000-0002-5634-7818>

Vinícius Demarchi Silva Terra: <https://orcid.org/0000-0002-6578-2600>

Império Lombardi Junior: <https://orcid.org/0000-0002-8414-1358>

Recebido em 01/03/20.

Revisado em 18/06/20.

Aceito em 04/07/20.

Endereço para correspondência: Luiz Carlos Marinovic Doro. Rua Jaú, 436 Apto 12, Canto do Forte, Praia Grande, SP, CEP 11700-270. E-mail: lcmdoro@gmail.com